



A visao do Paraguai no Brasil

Sylvain Souchaud

► **To cite this version:**

Sylvain Souchaud. A visao do Paraguai no Brasil. Contexto Internacional, Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio, 2011, 33 (1), pp.131-153. ird-00668169

HAL Id: ird-00668169

<https://hal.ird.fr/ird-00668169>

Submitted on 9 Feb 2012

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A Visão do Paraguai no Brasil*

Sylvain Souchaud**

Introdução

Os estrangeiros que viajam pelo Brasil podem se surpreender com o lugar que o Paraguai ocupa no imaginário brasileiro. Enquanto a Argentina, o Uruguai, a Bolívia ou o Chile, para citar países próximos ao mesmo tempo do Brasil e do Paraguai, são percebidos na sua atualidade e quase integralidade de seu território, a sociedade e o espaço paraguaios são vistos parcialmente. Pouco se sabe ou se pensa saber sobre o território paraguaio fora a área restrita da Cidade do Leste na região fronteiriça, e a imagem da sociedade paraguaia ficou detida no passado, o da Grande Guerra (como é conhecida, no país, a Guerra do Paraguai) da segunda metade do século XIX e das missões jesuíticas dos séculos anteriores. Tratando-se da visão do Paraguai no Brasil, elementos fragmentários e desintegrados impedem que se forme um quadro coerente e atualizado deste país encravado no Cone Sul. O estatuto particular do Paraguai e a forma como se constrói o seu conhecimento no Brasil merecem ser pensados. Por ter seguido uma trajetória histórica distinta desde a época colonial, o Paraguai apresenta hoje caracteres originais, geográfica, étnica, cultural e socialmente.

Os países da América Latina são, em sua grande maioria, litorâneos. O Paraguai não o é e nunca o foi. A sua formação começa no início do século XVI e, desde então, esse espaço, que aos poucos se torna o Paraguai no século XIX, ficou encravado no subcontinente. A ausência

* Artigo recebido em 23 de março de 2011 e aprovado para publicação em 25 de julho de 2011. Agradeço aos pareceristas e editores da revista os comentários e correções.

** Doutor em Geografia em MIGRINTER (*Migrations internationales, espaces et sociétés*) pela Universidade de Poitiers, França, e pesquisador do Institut de recherche pour le Développement (IRD) da Universidade Paris Diderot. E-mail: sylvain.souchaud@ird.fr.

de litoral é uma configuração territorial única na região, já que a Bolívia – país que hoje, junto com o Paraguai, não tem fronteira oceânica – perdeu a sua faixa litoral no final do século XIX (Guerra do Pacífico, 1879-1884).

Grande parte dos países da região são andinos, mas o Paraguai não compartilha essa outra característica geográfica importante. A ausência dessas duas características (ser um país oceânico e/o andino) determina em certa medida a formação territorial do Paraguai, quando, nos primeiros tempos da colonização europeia, os esforços dos colonos concentraram-se nas regiões andinas e suas jazidas de metais preciosos e nas áreas litorâneas onde desenvolveram produções agrícolas e construíram importantes cidades-portos.

Sem se tornar totalmente independente da evolução territorial do subcontinente, alguns episódios, tal como à trágica Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), mostram a impossibilidade de o Paraguai se desprender das grandes potências regionais; o país evolui em uma situação de relativa marginalidade e traça uma trajetória original, combinando posturas de retraimento e de abertura que hoje refletem em caracteres aparentemente insólitos. Por um lado, o Paraguai é o único país da América que reconhece oficialmente o bilinguismo. Segundo o Censo 2002, o guarani é a língua habitual de 59% (DGEEC, 2005a) dos domicílios e é falado por 86,7% dos paraguaios (o espanhol 69,7%). No entanto, a importância da língua guarani não define a identidade paraguaia como indígena porque apenas 1,7% (87.099) da população se declara indígena (DGEEC, 2005b). A conservação de um idioma indígena entre a população tende a difundir a ideia de que historicamente o Paraguai ficou na margem do movimento de integração continental e mundial que a América do Sul conheceu a partir do final do século XV e que se prolongou depois das independências até hoje.

Por outro lado, a projeção internacional do Paraguai deve ser recordada, por ser antiga e diversificada. A população paraguaia, embora seja a menos numerosa da região, tem importantes contingentes de migrantes nos países vizinhos, principalmente na Argentina, onde os paraguaios formam a maior população estrangeira, superando até a imigração boliviana, que é, porém, mais estudada e conhecida.

O interesse da nação paraguaia pela imigração internacional é ainda mais antigo. O Estado paraguaio formula uma política de promoção da imigração internacional europeia na metade do século XIX. Em 1854, é implantada no Chaco a colônia francesa de Nueva Burdeos. A hospitalidade da nação paraguaia não se desmente no século XX, e contingentes diversificados geograficamente e culturalmente são integrados à nação paraguaia: italianos, alemães, japoneses, ucranianos e russos formam colônias agrícolas na região oriental, e imigrantes menonitas originários da Europa oriental e do Canadá se instalam principalmente no coração do Chaco (VÁZQUEZ, 2009). Mais recentemente, desde os anos 1970, imigrantes chineses e coreanos imigram em Assunção e em Ciudad del Este para desenvolver atividades comerciais e industriais (confeção).

A integração regional e até mundial do Paraguai fica mais intensa ainda a partir da aproximação do Paraguai com o Brasil, iniciada nos anos 1960 e que dá lugar à construção da hidrelétrica de Itaipu, no rio Paraná. A partir dos anos 1970, a instalação de imigrantes brasileiros nos departamentos (estados) do leste (Mapa 1) – Alto Paraná, Canindeyú, Amambay e Concepción, principalmente –¹ favoreceu a formação de um dispositivo territorial que combina espaços rurais especializados e centros urbanos de pequeno e médio porte, fortemente articulados a lugares globalizados do exterior (SOUCHAUD, 2007). Hoje, o Paraguai é um dos principais produtores e exportadores de soja do mundo.² Também seria o segundo destino em volume da emigração brasileira, depois dos Estados Unidos e antes do Japão (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2009). Não somente o volume da imigração brasileira no Paraguai surpreende, mas também o fato de que o Paraguai tem um saldo migratório positivo com o Brasil, quando, segundo a teoria clássica sobre a migração internacional, os fluxos migratórios orientam a mão de obra das economias periféricas para o mercado de trabalho das potências econômicas regionais ou mundiais.

Esses elementos introdutórios ao mesmo tempo ressaltam a singularidade do Paraguai e desmentem o argumento segundo o qual historicamente o Paraguai assumiu uma postura exclusivamente isolacionista, da qual, hoje, a sua imagem no exterior se ressentiria.

O que nos interessará neste texto é a questão de como se constrói e compõe a imagem do Paraguai formada e veiculada no Brasil. Nos deteremos tanto nas interpretações de eventos históricos que marcam as relações internacionais entre os dois países, quanto nas representações territoriais seletivas do Paraguai que circulam no Brasil. Uma atenção especial será dada às percepções e representações brasileiras das correntes migratórias que se formam em ambos os lados da fronteira, seja de brasileiros no Paraguai, seja de paraguaios no Brasil, pois a migração internacional, como situação de contato, alimenta a produção de representações recíprocas.

Uma História Comum, uma Memória Distinta

Paraguai e Brasil compartilham eventos históricos que influenciaram de maneira diferente a própria formação da sociedade. A guerra que, entre 1864 e 1870, opôs o Paraguai à coalizão da Argentina, Brasil e Uruguai é um bom exemplo disso. Depois do fracasso das ofensivas paraguaias lançadas em 1864 no Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Corrientes (Argentina), em 1865 a coalizão invade o Paraguai, que se torna o campo de batalha exclusivo até o final da guerra. Os historiadores consideram que a Guerra da Tríplice Aliança foi uma das primeiras “guerras totais da era industrial”³ (RICHARD et al., 2007). Nesse sentido, a guerra mobilizou o conjunto dos recursos disponíveis do Estado paraguaio: sua população – inclusive as mulheres e as crianças, que combateram –, sua economia, seu território. Rapidamente, para os beligerantes, a guerra foi um objetivo em si e tanto a coalizão quanto a sociedade paraguaia, liderada pelo presidente-marechal Francisco Solano López, entraram em um processo de aniquilamento da sociedade paraguaia.

Para o Paraguai, as consequências da guerra foram terríveis. Provavelmente 60% da população do país morreu.⁴ O Brasil e a Argentina dividiram entre si 40% do território paraguaio. A sociedade e a economia, principalmente agrícola naquela época, ficaram totalmente desestruturadas: quase 90% dos homens adultos morreram, e a população sobrevivente, de maioria feminina, ficou dispersa e desorganizada.

Logo, percebe-se melhor porque a guerra, chamada no Paraguai Grande Guerra, ou Guerra Guasú (em guarani), alimentou tão fortemente os imaginários coletivos até hoje (BOIDIN, 2007). Pensada como uma “ruptura total”, a guerra deu origem à formação de uma história oficial que, por sua vez, definiu uma identidade nacionalista e heroica forjada na resistência e no isolamento (LANGA PIZARRO, 2006). Foi nesse contexto de formação e afirmação ideológica coletiva que as ditaduras paraguaias do século XX devem ser interpretadas, ao mesmo tempo como sua expressão e fator.

O que restou na memória coletiva brasileira da Guerra do Paraguai no Brasil? Primeiro, é importante lembrar que, apesar de a guerra não ter sido tão impactante para o Brasil como para o Paraguai, ela foi um episódio marcante da história da sociedade brasileira do século XIX. Somente as cidades rio-grandenses da fronteira – Uruguaiana, Itaqui e São Borja – e alguns territórios do Mato Grosso meridional foram ocupados, mas o número de soldados mobilizados na guerra chegou a 140 mil homens (CAPDEVILA, 2007, p. 33), dos quais provavelmente uns 50 mil morreram, a maioria não nos campos de batalha e sim em razão das condições precárias de sobrevivência dos soldados: má alimentação, cansaço extremo e doenças (como a cólera) causavam nessa época mais mortalidade nas tropas do que as batalhas. Portanto, o custo humano dessa guerra foi alto para o Brasil. Além disso, não foi um episódio curto, já que as tropas brasileiras continuaram a ocupar o território inclusive depois do final do conflito. O exército brasileiro ficou em Assunção até 1876 (CAPDEVILA, 2007, p. 494), e os territórios paraguaios ao norte da região oriental foram transferidos para o Brasil, onde hoje integram o território do Mato Grosso do Sul meridional.

Portanto, pelos impactos históricos, territoriais e populacionais, a Guerra do Paraguai poderia ter marcado a memória brasileira e contribuído para a formação de um imaginário sobre o Paraguai na sociedade brasileira.

Hoje, no entanto, o Paraguai é visto no Brasil não pela parte meridional do Mato Grosso do Sul, vasta área de trocas e contatos históricos diversificados entre os dois países, e sim pela divisa com o Paraná, de

integração recente (segunda metade do século XX), e principalmente em função de movimentos associados a atividades comerciais entre as cidades de fronteira: Cidade do Leste e Foz do Iguaçu.

No Paraguai, a referência ao Cerro Corá é onipresente. O relevo – pois “cerro”, em espanhol, significa uma faixa montanhosa de relevo leve, e “corá”, em guarani, designa uma configuração de cerco – dá nome a inúmeras ruas, lojas e empresas do país, e não há dúvida sobre a referência na população paraguaia: foi o lugar da última batalha do presidente Francisco Solano López e seu exército em derrota contra as tropas brasileiras que o perseguiram. O presidente paraguaio morreu nessa batalha que marcou o final da guerra. Para os paraguaios, e graças à formação de uma história oficial, o Cerro Corá marca ao mesmo tempo a bravura e o martírio da população paraguaia nessa guerra, valores encarnados pelo presidente López.

Para o Brasil, Cerro Corá é o nome do final vitorioso de uma guerra longa e dura. Mas a sua referência no Brasil é raríssima. Desde 1953, é o nome de um município de 10.916 habitantes (IBGE, 2011) no interior do Rio Grande do Norte, dado explicitamente em homenagem aos soldados brasileiros da Guerra do Paraguai.⁵ Uma procura no Google Maps identificou dez ruas, uma avenida e uma ladeira chamadas Cerro Corá no Brasil. Na cidade de São Paulo, a Rua Cerro Corá, no bairro da Vila Madalena, na zona oeste, é um ponto de referência urbano importante, porém é provável que os moradores não saibam seu significado histórico ou geográfico.

Brasil e Paraguai construíram uma memória muito diferente da guerra que os colocou em lados opostos na segunda metade do século XIX. No Brasil, ao mesmo tempo que foi se apagando a memória da guerra, foi se perdendo a memória das referências paraguaias que poderiam ter alimentado um imaginário coletivo sobre o país vizinho.

A Perspectiva de um País da Fronteira

A integração da região fronteira entre o Brasil e o Paraguai, correspondente ao curso médio do rio Paraná, a partir dos anos 1960, vai

forjar quase exclusivamente a imagem atual do Paraguai no Brasil. Essa integração se baseia na construção da hidrelétrica de Itaipu, na extensão da fronteira agrícola brasileira especializada na produção de soja nos departamentos do leste paraguaio e no crescimento das cidades de fronteira, Cidade do Leste em primeiro lugar. Desses três processos, nasce uma percepção polêmica e territorialmente limitada do Paraguai no Brasil.

Do ponto de vista das relações internacionais, a hidrelétrica de Itaipu e a colonização agrícola ocorrem como efeito da aproximação dos dois países engajados na ocupação e integração de espaços periféricos de seu respectivo país: movimento convergente orientado em direção ao oeste do lado brasileiro e em direção ao leste do lado paraguaio. No Paraguai, o objetivo é captar recursos e gerar rendas fundiárias e energéticas que possam ser redistribuídas para as clientelas do poder aliciador do general Stroessner. Do lado brasileiro, a hidrelétrica deve sustentar o crescimento urbano e industrial da região Sudeste, concentrado em São Paulo, e alimentar com “novas” terras a modernização agrícola. Nos dois países, o crescimento da população, que ocorre no contexto da transição demográfica, vai também alimentar um forte crescimento urbano, que explica em boa parte o crescimento da Cidade do Leste.

A hidrelétrica de Itaipu é gerida por uma entidade binacional. O Paraguai possui metade da produção energética, mas consome muito menos, aproximadamente 5% de sua parte. Todavia, pelo Tratado de Itaipu, assinado em 1973, ele tem a obrigação, até 2023, de revender para o Brasil a energia que sobra a um preço muito inferior ao preço de mercado. O Paraguai vem reclamando dessa situação desde a redemocratização, no final do regime Stroessner em 1989, argumentando o desequilíbrio de um acordo negociado por Alfredo Stroessner, na época das ditaduras militares, contra os interesses do povo paraguaio. O Brasil, por sua parte, argumenta que a participação financeira do Paraguai no projeto foi mínima.

Esse tema foi central na campanha de Fernando Lugo para presidente em 2008 e continuou sendo causa de bastante tensão nas relações entre os dois países depois da eleição. A questão foi levantada pela mí-

dia dos dois países e criou uma polêmica sobre assuntos de soberania no Paraguai e liderança regional do Brasil. A região da fronteira também ficou conhecida por meio da imigração brasileira e, de novo, contribuiu para veicular, uma imagem negativa do Paraguai no Brasil. No final dos anos 1960, o general Stroessner abriu a fronteira oriental à imigração brasileira (SOUCHAUD, 2002).⁶ Um dos objetivos do ditador era valorizar as terras florestais do leste do país, de baixa densidade populacional, com a introdução da agricultura mecanizada. E, de fato, a imigração brasileira contribuiu para a formação de um vasto dispositivo territorial que hoje em dia progride para além dos departamentos fronteiriços. Dedicado principalmente à produção e exportação de soja, esse espaço inclui também diversas outras atividades agrícolas, comerciais e de serviços, e permitiu a eclosão e o desenvolvimento urbano. A população imigrante, que pode ter alcançado até talvez 500 mil pessoas, é formada hoje por perfis diversificados: pequenos agricultores, trabalhadores rurais, diaristas ou assalariados, mas também empresários, empregadas domésticas, operários da construção civil, jovens funcionários do setor comercial, técnicos etc., demonstrando o alto grau de consolidação e diversificação deste território. Em alguns distritos de departamentos fronteiriços como o Canindeyú e Alto Paraná, a população brasileira, segundo os dados do último censo da população paraguaia realizado em 2002 (DGEEC, 2005), chega a um terço da população total.⁷

A atitude do regime Stroessner em relação à imigração sempre foi ambígua. O presidente Stroessner abriu o território oriental, proclamando, em discursos oficiais, e organizando a entrada de capitais e colonos brasileiros, e modificando, inclusive, a lei de fronteira para legalizar a compra e o uso de terras por estrangeiros na fronteira oriental (FOGEL; RIQUELME, 2005; LAINO, 1977; NICKSON, 1981). Todavia, desde o início da colonização agrícola, existem tanto discriminações de brasileiros (de qualquer condição social) por parte das instituições e representantes do Estado paraguaio, como fenômenos de exclusão e marginalização de pequenos agricultores paraguaios e populações indígenas em consequência do avanço da fronteira agrícola brasileira, que alimentam em determinados setores da sociedade para-

guaia conflitos sociais sobre a questão da imigração. A frequência e intensidade das crises variam segundo as épocas, mas multiplicam-se e tornam-se mais agudas, ou pelo menos mais midiáticas, a partir da redemocratização, ocorrida em 1989, quando, na base da reivindicação do direito a terra e reforma agrária, setores da sociedade paraguaia censurados no período anterior negaram a legitimidade da imigração e ocupação brasileira de vastos territórios agrícolas. As expulsões ou ameaças de expulsões de brasileiros ilegais e as ocupações de terras ou espoliações de bens pertencentes a brasileiros que pudessem ocorrer encontraram ampla ressonância nas mídias brasileiras, que, em retorno, veicularam uma imagem de violência e inospitalidade do Paraguai. Criou-se uma visão parcial, em ambos os sentidos, do Paraguai como país de imigração, pois não podemos esquecer que a imigração brasileira no Paraguai é a segunda no mundo e hoje provavelmente mais consolidada e integrada que a imigração nos Estados Unidos ou no Japão, considerando-se a situação da segunda geração (importância demográfica, situação socioeconômica favorável, projeto de vida mormente pensado no Paraguai) ou outros indicadores, como a alta proporção de proprietários imobiliários (terras e, sobretudo, residências principais).

Difunde-se, então, uma imagem uniforme da imigração, vítima de sua vulnerabilidade no Paraguai. No âmbito da academia brasileira, os trabalhos publicados nos anos 1990 tratam esse movimento migratório nas suas dimensões políticas, demográficas, sociológicas, mas optando geralmente por uma perspectiva única: a do imigrante (CORTÊZ, 1993; PATARRA, 1996, 2002; SALES, 1996; SPRANDEL, 1992; WAGNER, 1990). Pouco se considerou a sociedade de recepção e os múltiplos e profundos efeitos dessa imigração na sociedade e no território paraguaio, de modo que os estudos brasileiros da migração brasileira no Paraguai pouco têm contribuído para o conhecimento do Paraguai no Brasil.⁸ Com uma história de trinta a quarenta anos, a migração brasileira no Paraguai conta com uma segunda geração que, pelo direito do solo vigente no Paraguai, é paraguaia. Mas no Paraguai e no Brasil esses descendentes de brasileiros são chamados ainda de brasiguaios; o uso desse termo é uma forma ao mesmo tempo de re-

cordar seu pertencimento parcial ao Brasil e negar-lhes o pertencimento ao país onde nasceram, residem, são cidadãos e onde muitos deles viverão sua vida.

Outro lugar de foco da atenção brasileira no Paraguai é a Cidade do Leste. Situada no departamento de Alto Paraná, ela faz divisa com o Brasil e é separada de Foz do Iguaçu pela ponte internacional, chamada “Ponte da Amizade”, financiada pelo Brasil e concluída em 1966. Cidade do Leste, que antigamente se chamava Puerto Presidente Stroessner, foi fundada *ex nihilo* em 1959. Em 2002, a zona metropolitana da Cidade do Leste, com 389 mil habitantes, era a segunda cidade do país pelo volume populacional (CAUSARANO, 2006). É uma cidade que tira uma parte importante de sua renda do turismo de compras de paraguaios, brasileiros e argentinos. O comércio repousa na venda de diversos tipos de produtos, entre os quais se destacam os produtos eletrônicos e informáticos importados da Ásia, sendo que grande parte deles entra legalmente e sai da cidade por contrabando. Além disso, a cidade ganhou fama de movimentar atividades ilegais, como o tráfico de armas, drogas e automóveis, além de lavagem de dinheiro.

A Cidade do Leste foi fundamental nos projetos comerciais de muitos comerciantes e vendedores ambulantes do Brasil nas últimas décadas, em São Paulo, no Rio de Janeiro e mais além, até no Nordeste (RABOSSI, 2004). Produtos variados – como roupas, artigos de bazar, cosméticos, eletrônicos, bebidas alcoólicas, cigarros e brinquedos – foram trazidos pelos sacoleiros brasileiros e vendidos nas ruas ou lojas dos espaços urbanos de concentração de atividades comerciais, como o Largo da Concórdia no bairro do Brás ou a Rua 25 de Março, ambos no centro de São Paulo. Cidade do Leste tornou-se uma referência urbana comercial no Brasil inteiro. Mas essa referência genérica é completada por qualificativos pejorativos, tais como ilícito e falsificado, que tendem a ser aplicados aos produtos paraguaios em geral: segundo essa perspectiva, o Paraguai é um país de muambas.

Portanto, a imagem do Paraguai afora também se constrói a partir da generalização de uma situação de apreciações de situações locais, limitadas em termos de espaço e populações envolvidas, como no caso

da Cidade do Leste, ou em função de questões de conflito, ou a partir de uma configuração socioterritorial específica e relativamente recente, como é a área de progressão da fronteira agrícola. Nos três casos, o olhar limita-se espacialmente à área de fronteira, negando, de certa forma, a realidade do Paraguai fora seu espaço de influência internacional, fora sua relação sócio-histórica com o Brasil.

A Imigração Desconhecida

O Paraguai tem importantes fluxos de emigração distribuídos em vários países da América e da Europa. A Argentina é o principal país de instalação. Os 325 mil nativos do Paraguai recenseados na Argentina em 2001 (NOVICK, 2010) representam um quinto do total dos migrantes internacionais radicados nesse país e o maior contingente (35,2% do total) de imigrantes limítrofes, antes dos bolivianos (233.500 em 2001). A importância da presença paraguaia na Argentina se mantém nos anos mais recentes se considerarmos o total de regularizações concluídas entre 2006 e 2009 no âmbito do programa de anistia chamado “Patria Grande”. Um total de 303.605 paraguaios participou do trâmite, sendo a maior população regularizada antes dos bolivianos (202.807).

No caso do Brasil, a imigração paraguaia recenseada é muito menor, porém em provável aumento importante nos últimos dez anos. Em 2000, segundo o censo de população (IBGE, 2003), 28.800 nascidos no Paraguai moram no Brasil. Considera-se habitualmente que a imigração paraguaia se limita em sua grande maioria às áreas de fronteira. É verdade que grande parte dos paraguaios recenseados em 2000 mora em municípios da fronteira internacional com o Paraguai – Foz do Iguaçu em primeiro lugar, onde reside um sétimo dos migrantes. Outras áreas de concentração da imigração podem ser observadas no Mato Grosso do Sul, Paraná, Mato Grosso e Rondônia, dando a essa migração outra característica específica, além da proximidade espacial com o país de origem: a conexão com a fronteira agrícola deste fluxo migratório explica os importantes contingentes de migrantes paraguaios no Mato Grosso e Rondônia.

São Paulo, a capital econômica do Brasil, é um destino relativamente marginal desta migração, tal como foi captado pelo censo demográfico de 2000. Com somente 1.420 migrantes paraguaios, a capital paulista atrai muito menos os paraguaios do que qualquer outro grupo de migrantes, como os bolivianos para os quais São Paulo é o principal município de residência em 2000.

O baixo número de paraguaios recenseados em São Paulo pode ser explicado pelas conhecidas dificuldades do censo para captar a migração internacional, sobretudo se ela é recente e composta por um importante contingente de indocumentados, situação que parece se aplicar à migração paraguaia no Brasil, como veremos. Mas isso não explica o papel marginal que São Paulo aparenta ter no espaço migratório dos paraguaios no Brasil.

Essa situação, de equilíbrios específicos na distribuição espacial da migração paraguaia, segundo os quais a cidade de São Paulo não seria um polarizador dos fluxos, deve ser reconsiderada em 2010-2011, pois, nos últimos anos, a presença paraguaia aumentou fortemente na cidade de São Paulo e ganhou alguns municípios da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

Esse crescimento aconteceu de forma paralela ao crescimento da migração boliviana na RMSP nos últimos dez a quinze anos. Antes de descrevê-la com alguns detalhes, é preciso mencionar que a imigração paraguaia recente no Brasil ocorre principalmente na RMSP em função de sua especialização no setor da confecção de roupas. Apesar de suas semelhanças com a imigração boliviana em São Paulo, ela foi muito menos estudada na academia e apresentada na mídia. A produção de textos acadêmicos sobre a imigração boliviana em São Paulo é ampla, embora relativamente recente: foram numerosos livros, artigos de revistas científicas, capítulos de livros, trabalhos finais de curso de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado das várias disciplinas das ciências sociais escritos sobre o assunto nos últimos dez anos.⁹ Em contraste, não encontramos nenhum texto acadêmico que tivesse como tema principal a imigração paraguaia em São Paulo desde que começamos a nos debruçar sobre esse tema, em 2009.¹⁰ A imigração paraguaia em São Paulo já podia ser identificada pelo censo

demográfico de 2000, mas era tida, na academia, como marginal em volumes e amplamente alimentada pelo “retorno” de filhos de brasileiros no Paraguai nascidos lá.¹¹ As duas razões, junto com outras que veremos, contribuíram para que não aparecessem estudos da imigração paraguaia em São Paulo. Essas duas visões da imigração paraguaia, se é que foram justificadas nas décadas anteriores, são errôneas na década de 2000.

Sem os dados do último censo demográfico de 2010, é difícil conseguir informações numéricas sobre a imigração paraguaia em São Paulo. Mas, segundo a estimativa da Pastoral do Migrante, residem uns 20 mil a 30 mil paraguaios na cidade. Por outro lado, os resultados disponíveis da última anistia que aconteceu em 2009, para migrantes em situação irregular entrados no Brasil antes de fevereiro de 2009, apontam para a população imigrante do Paraguai como o quarto contingente de imigrantes regularizados. Grande parte mora em São Paulo.

Não cabe aqui descrever com detalhes a presença paraguaia na Região Metropolitana de São Paulo. Somente queremos dar algumas indicações sobre sua presença para questionar o fato de que não é considerada hoje como uma migração importante na cidade, como o é a imigração boliviana, chinesa, coreana ou peruana.

O bairro do Bom Retiro concentra uma parte importante da população paraguaia, onde trabalham e moram. Algumas ruas ficaram conhecidas entre os paraguaios de São Paulo pela importante presença de conterrâneos. É o caso da Rua dos Italianos ou da Rua Prates, nos trechos mais próximos à Marginal Tietê. Ao contrário dos bolivianos, os paraguaios não têm um lugar de encontro tão identificado e compartilhado como seria a Praça Kantuta (“praça dos bolivianos”) no bairro do Pari. Porém, aos domingos, imigrantes paraguaios são dos poucos moradores que costumam se reunir em pequenos grupos na calçada, em frente às casas ou apartamentos onde moram, para tomar *tereré* (chimarrão) e, dessa maneira, reproduzir uma forma de socialização comum no Paraguai. Outros, em grande número, vão jogar e assistir ao futebol no campo da Rua dos Italianos, na beira da Marginal.

A maioria dos paraguaios de São Paulo são jovens e chegaram há poucos anos. Tanto homens como mulheres migram para lá. Geralmente, vieram para trabalhar na confecção de roupas, em oficinas de paraguaios ou de coreanos. Costumam chegar sem qualificação e aprender a costurar nos primeiros meses para se tornarem costureiros retistas. Alguns, com o passar dos anos, aperfeiçoam seus conhecimentos na costura e chegam a ser costureiros pilotos. Outros investem na montagem de uma oficina, onde empregam conterrâneos e/ou familiares, beneficiando-se às vezes da ajuda de imigrantes coreanos proprietários de lojas de roupas e antigos donos de oficinas. Outros também se tornam totalmente autônomos no ramo, organizando no próprio domicílio a cadeia produtiva, desde o desenho de alguns modelos de roupas até a venda, na feira da madrugada do Brás,¹² das peças confeccionadas em casa.

Os migrantes são originários de vários departamentos da região oriental do Paraguai, dos departamentos de Caazapá, Caaguazú e Central principalmente (Mapa 1), áreas distantes, portanto, da fronteira brasileira. Sejam da área rural, ou urbana (periurbana), a maioria dos entrevistados vivia em famílias de pequenos agricultores onde se praticava uma agricultura de subsistência (feijão, mandioca, milho) que deixava as famílias em situação de pobreza. A migração representou o primeiro passo da independência familiar, o primeiro projeto de vida, em um contexto onde a escolarização e o mercado de trabalho local são apresentados como uma alternativa desprovida de perspectiva de futuro.

Ao lado da especialização massiva na confecção de roupas, observa-se uma imigração paraguaia crescente, feminina no serviço doméstico, e masculina no serviço em bares, restaurantes e lanchonetes (como garçons, copeiros etc.). É importante acrescentar que a migração paraguaia em São Paulo não é recente: o que os últimos dez anos trouxeram foi a intensificação do fluxo e sua maior especialização profissional. Para fechar esse breve retrato, cabe mencionar que todos os migrantes paraguaios entrevistados falam o guarani e, para muitos, o guarani é a língua de uso comum e principal.

A rápida caracterização dos migrantes paraguaios em São Paulo, a partir de observações e entrevistas no Bom Retiro e no Brás, demons-

tra muitas semelhanças com a imigração boliviana, porém a primeira ficou desconhecida, enquanto a segunda ganhou muita publicidade. Os elementos que a imigração paraguaia compartilha com a imigração boliviana em São Paulo são múltiplos: o aumento e a especialização recentes da migração, apesar da antiguidade do fluxo; a especialização profissional e a existência de trajetórias profissionais ascendentes e de diversificação; formas de organização da atividade e do trabalho em torno da oficina de costura e baseadas na flexibilização; as relações de complementaridade e as colaborações com migrantes de outros grupos étnicos, os coreanos em especial, grupo tido como “fechado”; e a concentração das oficinas e lugares de residência dos migrantes nos bairros do Bom Retiro e do Brás (embora exista uma importante dispersão progressiva dos lugares de trabalho e residência em todas as áreas da Região Metropolitana de São Paulo). Em função das semelhanças entre as duas migrações, podemos nos perguntar por que a migração paraguaia ficou tão impercebida? Os termos impercebido ou despercebido nos parecem qualificar melhor o fenômeno do que a noção de invisibilidade, primeiro porque acabamos de ver que, em vários aspectos, a imigração paraguaia é tão visível quanto a pesquisada imigração boliviana em São Paulo. Segundo porque é difícil notar, por parte dos migrantes paraguaios, uma atitude visando a invisibilidade, ou seja, a sumir o quanto possível do cenário urbano. Terceiro, porque o termo “despercebido” questiona mais o olhar para o grupo de migrantes do que o próprio grupo de migrantes (o que é o caso do termo “visível”).

No entanto, apesar da não invisibilidade dos migrantes paraguaios em São Paulo, eles podem passar facilmente despercebidos, por apresentarem fenótipos não identificáveis (por não serem diferentes) na cidade paulistana, ao contrário dos bolivianos, pois, de fato, a composição étnica do Paraguai é parecida com a brasileira, uma e outra alheias aos grupos étnicos andinos que compõem uma parte importante da imigração boliviana em São Paulo. Em outras palavras, é fácil “reconhecer”¹³ um imigrante boliviano nas ruas do Bom Retiro, mas é difícil identificar um imigrante paraguaio. Afinal, a representação de quem é o migrante paraguaio ainda é vacilante na sociedade paulistana: ainda

não foi definida pela sociedade do lugar de instalação a alteridade dos imigrantes paraguaios.

O anonimato da imigração paraguaia é mais um elemento da relação paradoxal que parece forjar a visão brasileira do Paraguai, onde se associa, à proximidade, similaridade e distância, o despercebimento.

Conclusão

Os intercâmbios e contatos entre o Brasil e o Paraguai são múltiplos na história, desde o século XIX, e intensificam-se na segunda metade do século XX, a partir da reorientação estratégica do general Stroessner, que visa uma maior cooperação com o Brasil. O único período de autarquia planejada de sua história acontece durante parte do governo do ditador G. Rodríguez Francia, entre 1822 e 1840.

Fora esse episódio, o Paraguai projeta-se para além de suas fronteiras de várias formas, principalmente pela política migratória desenvolvida a partir da metade do século XIX. Desde então, o Paraguai incentiva a imigração internacional originária de vários países da Europa (Oeste e Leste), da Ásia (Japão, Coreia do Norte e China) e das Américas (Brasil e Argentina). E, a partir dos anos 1950, o Paraguai torna-se um país de intensa emigração internacional, para Argentina, Estados Unidos, Espanha e, mais recentemente, Brasil.

O país também vem desenvolvendo políticas comerciais de exportação desde a época colonial, orientação que se confirma no século XIX (erva mate e algodão) e se amplia no século XX (soja, produtos industriais e reexportação). Finalmente, várias cooperações internacionais podem ser identificadas, em particular no que se refere à exploração dos recursos hídricos (hidrelétricas no rio Paraná: Itaipu na fronteira brasileira e Yaciretá na fronteira argentina) e povoamento das áreas de fronteira internacional (fronteira oriental). O Paraguai também é um dos membros fundadores do Mercado Comum do Sul (Mercosul).

Apesar da variedade e antiguidade dos contatos entre Brasil e Paraguai, e das diversas formas de convivência e contatos entre as duas sociedades, a representação do Paraguai no Brasil repousa em imagens recorrentes e fragmentárias. A primeira é de um país fechado, imagem

transmitida talvez pela própria sociedade paraguaia e resultado da construção de uma história oficial decorrente do traumatismo da Guerra da Tríplice Aliança. A segunda é a de um país do ilícito e falsificado, que representa a ampliação e aplicação à sociedade inteira da qualificação de relações sociais limitadas a situações de transações comerciais localizadas. A terceira é a imagem da violência remanescente, herdada dos séculos XIX e XX, dominados pela traumática Guerra do Paraguai e pelas ditaduras (especialmente a última, do general Stroessner). A violência é percebida na situação dos migrantes brasileiros no Paraguai, globalmente tidos como vulneráveis e ameaçados de espoliação ou expulsão, ou na renegociação conflitante do tratado de Itaipu, ambas as situações uma forma de afirmação da soberania nacional.

Essas imagens se constroem a partir de uma percepção fragmentada e seletiva do Paraguai: seja territorialmente, uma vez que apenas a região de fronteira é considerada; seja historicamente, pois correspondem a momentos históricos circunscritos não atuais. A principal consequência dessa visão não atualizada e fragmentária do Paraguai é a impossibilidade de apreender a migração paraguaia em São Paulo, isto é, a impossibilidade de reconhecer sua alteridade.

Mapa 1

Divisão Departamental do Paraguai



Fonte: Elaboração a partir do mapa digitalizado das divisões administrativas do Paraguai na Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py>>. Acesso em: jul. 2011.

Notas

1 Hoje, a presença brasileira ultrapassa os departamentos fronteiriços do leste para alcançar os departamentos de Caaguazú, Caazapá, Central e até setores do Chaco periférico e central.

2 Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, o Paraguai produziu 6,3 milhões de toneladas de soja em 2008. É o sexto produtor mundial de soja desde 1998, depois de Estados Unidos, Brasil, Argentina, China e Índia. Disponível em: <<http://www.faostat.org>>.

3 Citação livremente traduzida para este artigo.

4 A população paraguaia no início da guerra sempre foi superestimada. O historiador L. Capdevila (2007) cita uma estimativa mais recente e atualizada de 420 mil a 450 mil habitantes em 1964, estimativa feita por Bárbara Potthast-Jukteit e Thomas L. Whigham (POTTHAST-JUKTEIT, Bárbara; WHIGHAM, Thomas L. La piedra “Roseta” paraguaya: nuevos conocimientos de causas con la demografía de la guerra de la Triple Alianza, 1964-1970. **Revista Paraguaya de Sociología**, v. 35, n. 103, p. 152, 1998).

5 A página do município na internet pode ser consultada em: <<http://www.cerocora.rn.gov.br>>.

6 Para uma tradução para o espanhol, ver: **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Assunção: UNFPA – ADEPO, 2002. Disponível em: <<http://hal.archives-ouvertes.fr>>. Acesso em: jul. 2011.

7 Essa proporção poderia ser maior se considerarmos o importante sub-registro da imigração pelo censo da população paraguaia e apesar do grande número de migrantes brasileiros que retornaram ao Brasil nos anos 1990 (FUSCO; SOU-CHAUD, 2010).

8 O trabalho de José Albuquerque (2005) ampliou a perspectiva sobre a imigração brasileira no Paraguai ao introduzir a questão da alteridade nessa área de fronteira.

9 Uma bibliografia bastante atualizada pode ser encontrada no trabalho de Iara Rolnik Xavier (2010).

10 A realidade dessa imigração foi, inclusive, descoberta por acaso, quando pesquisávamos a imigração boliviana. Começamos a levantar informações sobre a migração paraguaia no final de 2009, até agosto de 2010, no âmbito de um projeto de pesquisa sobre a migração internacional na indústria de confecções na cida-

de de São Paulo. Foram realizadas observações e entrevistas com migrantes, homens e mulheres, principalmente com os que trabalham na confecção de roupas, no Brás, no Bom Retiro e em Guarulhos. Dezesseis entrevistas com paraguaios foram gravadas. Nesta pesquisa, contamos com o apoio do padre Osvaldo, da paróquia Nossa Senhora Auxiliadora do Bom Retiro, a quem agradecemos. A igreja, localizada na Rua Três Rios, no Bom Retiro, é um lugar de encontro dos católicos paraguaios, aos domingos, quando uma missa é celebrada misturando espanhol e guarani.

11 Cabe recordar que o antropólogo Sidney Silva, conhecido por seus trabalhos sobre os bolivianos, foi provavelmente um dos primeiros a ficar ciente e atento à importância da presença dos paraguaios em São Paulo.

12 Feira que ocorre entre uma e sete da manhã na Rua Oriente e adjacências.

13 Sempre que se “adéque” à imagem que se tem dos andinos.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais**. A imigração no Paraguai. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFC, Fortaleza, 2005.

BOIDIN, Capucine. Pour une anthropologie et une histoire régressive de la guerre de la Triple Alliance. 2000-1870. In: RICHARD, N.; CAPDEVILA, L.; BOIDIN, C. (Ed.). **Les guerres du Paraguay aux XIXe XXe siècles**. Paris: Colibris, 2007. p. 125-138.

CAPDEVILA, Luc. **Une guerre totale, 1864-1870**. Rennes: PUR, 2007.

CAUSARANO, Mabel. Dinámicas metropolitanas en Asunción, Ciudad del Este y Encarnación. Assunção: UNFPA/ADEPO, 2006.

CORTÊZ, Cácia. **Brasiguaios, os refugiados desconhecidos**. São Paulo: Brasil Agora, 1993.

DGEEC – Dirección General de Estadísticas Encuestas y Censos. **Censo de población 2002**. Resultados completos y definitivos. Assunção: DGEEC, 2005a. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py>>. Acesso em: jul. 2011.

_____. **II censo nacional indígena de población y vivienda 2002**. Assunção: DGEEC, 2005b. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py>>. Acesso em: jul. 2011.

FOGEL, Ramón; RIQUELME, Marcial (Ed.). **Enclave sojero**. Merma de soberanía y pobreza. Assunção: CERI, 2005.

FUSCO, Wilson; SOUCHAUD, Sylvain. De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior. **Confin**, 9, São Paulo, p. 1-23, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000**. Rio de Janeiro: FIBGE, 2003.

_____. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: FIBGE, 2011.

LAINO, Domingo. **Paraguay**: fronteras y penetración brasileña. Assunção: Cerro Corá, 1977.

LANGA PIZARRO, Mar. La guerra de la Triple Alianza en la literatura paraguaya. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1623>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros no mundo**. Estimativas. Brasília: MRE, 2009.

NICKSON, R. Andrew. Brazilian colonization of the eastern border region of Paraguay. **Latin American Studies**, v. 13, n. 1, p. 111-131, 1981.

NOVICK, Susana. Políticas migratorias en la Argentina: experiencias del pasado, reformas actuales y expectativas futuras. In: ZURBRIGGEN, C.; MONDOL, L. (Ed.). **Estado actual y perspectivas de las políticas migratorias en el Mercosur**. Montevideu: Flacso, Unesco, 2010. p. 25-53.

PATARRA, Neide Lopes (Ed.). **Migrações internacionais**: Herança XX, Agenda XXI. v. 2. Campinas: FNUAP, 1996.

_____. Migrações internacionais e integração econômica no Cone Sul: notas para discussão. In: **Simposio sobre migraciones internacionales en las Américas, San José de Costa Rica, 4/6 sept. 2000**. Santiago do Chile: CEPAL/CELADE, 2002. p. 1-16.

RABOSSO, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este**: vidas e vendas num mercado de fronteira. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

RICHARD, Nicolas; CAPDEVILA, Luc; BOIDIN, Capucine (Ed.). **Les guerres du Paraguay aux XIXe XXe siècles**. Paris: Colibris, 2007.

SALES, Teresa. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 13, n. 1, 1996.

SOUCHAUD, Sylvain. **Pionniers brésiliens au Paraguay**. Paris: Karthala, 2002.

_____. Geografía de la migración brasileña en Paraguay. Assunção: UNFPA – ADEPO, 2007.

SPRANDEL, Márcia Anita. **Brasiguaios**: conflito e identidade em fronteiras internacionais. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

VÁZQUEZ, Fabricio. **D'une périphérie oubliée à des multi-territorialités actives**: nouvelles configurations spatiales et économiques dans le Chaco paraguayen. Tese (Doutorado em Geografia) – Toulouse II Le Mirail, Toulouse, 2009.

XAVIER, Iara Rolnik. **Projeto migratório e espaço**. Os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Unicamp, Campinas, 2010.

WAGNER, Carlos. **Brasiguaios, homens sem pátria**. Petrópolis: Vozes, 1990.

Resumo

A Visão do Paraguai no Brasil

Neste texto, trata-se da questão de como se constrói e compõe a imagem do Paraguai formada e veiculada no Brasil. Nos detemos tanto nas interpretações de eventos históricos que marcam as relações internacionais entre os dois países, quanto nas representações territoriais seletivas do Paraguai que circulam no Brasil. Uma atenção especial será dada às percepções e representações brasileiras das correntes

A Visão do Paraguai no Brasil

migratórias que se formam em ambos os lados da fronteira, seja de brasileiros no Paraguai, seja de paraguaios no Brasil, pois a migração internacional, como situação de contato, alimenta a produção de representações recíprocas.

Palavras-chave: Brasil – Paraguai – Migrações Internacionais – Relações Internacionais

Abstract

Views on Paraguay in Brazil

In this paper, I investigate the image of Paraguay that is conveyed in Brazil, how it is constructed and what forms it. I am interested both in the interpretation of historical events that marked relations between the two countries, and selective spatial representations of Paraguay circulating in Brazil. Particular attention is paid to the Brazilian perceptions and representations of migration flows that form on either side of the international border, this is to say Brazilian migrants in Paraguay and Paraguayan migrants in Brazil, because international migrations, as contact situations, are responsible for the production of reciprocal representations.

Keywords: Brazil – Paraguay – International Migrations – International Relations